

# ECONOMIA SOLIDÁRIA: O TRABALHO COLETIVO EM REDE COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA

**RENATA SIVIERO MARTINS<sup>1</sup>**  
**THAIRES COSTA<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a formação humana que acontece no processo autogestionário das Redes de Economia Solidária. No Brasil, de um modo especial, a Economia Solidária propõe a constituição de Redes de Empreendimentos Solidário, como uma forma de fortalecimento político, social e econômico, diante do processo exploratório imposto pelo sistema capitalista. A autogestão é um dos princípios que embasam o trabalho das Organizações solidárias. Por meio da constituição de Redes e a autogestão como um método de gestão, rompe-se com paradigma de que o conhecimento está somente nas mãos de alguns. Ele pode ser compartilhado e coletivamente construído. Trazemos à tona a experiência da Rede de Catadores de material reciclável do Sul e Sudoeste de Minas Gerais. A pesquisa aponta para a importância das decisões no processo de trabalho associado serem tomadas coletivamente pois propiciam troca de saberes, partilhando os já existentes de uma forma que todos se sintam parte do processo. Para subsidiar a reflexão foram utilizados como referencial teórico a Educação Popular e a Economia Solidária. A metodologia utilizada, na pesquisa, foi a da observação participante.

## **PALAVRAS CHAVE:**

Educação popular. Economia solidária. Autogestão. Redes.

---

1. Mestranda na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - FaE/CBH/UEMG. Linha de pesquisa: Trabalho, História da educação e Políticas educacionais. Especialista em Clínicas de grupos, organizações e redes sociais: Análise Institucional e Esquizoanálise pela Fundação Educacional Lucas Machado. Graduada em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista pela CAPES. renatasivieromartins@gmail.com

2. Pós-Graduanda em Construcionismo Social: práticas psicossociais pós-modernas no Instituto de Educação Continuada - IEC PUC MG. Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal de Viçosa/UFV. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC MG. thairescostaf@gmail.com

## **ABSTRACT**

Reflect about the human formation that takes place during the self-managerial process of Solidary Economy Networks is the purpose of the present paper. In Brazil, in especial way, the Solidary Economy proposes the constitution of Solidary Entrepreneurship Networks as a form of political, social and economic strengthening against the exploitation imposed by the capitalist system. Self-management is one of the principles that support the work of Solidary Organizations. By mean of creation of Networks and the self-management as a method of managing, the paradigm that knowledge is only in the hands of some is broken. Knowledge can be shared and collectively built. The experience of the Recyclable Material Collectors Network of the South and Southwest of Minas Gerais is presented. The research points to the importance of the taken collectively decisions, because they allow knowledge exchange, sharing existing ones in a way that everybody feels involve in the process. Popular Education and Solidary Economy were used as theoretical reference to support the reflection. Participant observation was the methodology used in the research.

## **KEY WORDS**

Popular education. Solidary economy. Self-management. Networks.

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho tem passado por profundas transformações ao longo dos tempos. As inovações tecnológicas vão exigindo cada vez mais das pessoas, impondo produtivismo, consumo exacerbado, individualismo e certa sobrecarga nas atividades diárias, impedindo vivências pouco colaborativas e solidárias uns com os outros.

Contrárias a esta dinâmica imposta pelo sistema capitalista, encontram-se as Organizações econômicas solidárias que contrapõem o modelo econômico vigente. Pessoas que excluídas do mercado formal de trabalho e outras por não quererem mais vender sua força de trabalho sendo parte deste sistema neoliberal, associam-se em organizações econômicas solidárias com a finalidade de gerar trabalho e renda e viverem a partir de princípios e valores contrários ao que propõe o capitalismo e sim, conforme preconiza a Economia Solidária<sup>3</sup>.

Muitos estudos e pesquisas sinalizam que esta outra economia, que vai além das formas tradicionais que reduzem esta área do conhecimento apenas à produção e distribuição de riquezas, contribui na formação humana de pessoas que, no processo do trabalho, tomam conhecimento da necessidade de agirem na transformação da realidade e de que o trabalho pode ser um espaço de outras formas de relação.

Por estas questões, percebe-se que a Economia Solidária tem um papel importantez para o mundo do trabalho, uma vez que os valores e princípios propostos contestam a lógica da ordem econômica e social vigente, contribuindo com a emancipação de pessoas e a transformação da sociedade. Transformações estas que perpassam o âmbito cultural e político, possibilitando disseminar hábitos solidários, que envolvem mudanças no próprio modo de vida e nas relações interpessoais.

O presente trabalho irá abordar as questões teóricas acerca da Educação Popular e da Economia Solidária, que trazem como proposta uma cultura que se contrapõe ao sistema capitalista. Estas teorias serão subsídio para a reflexão e o debate no que diz respeito às Redes como uma forma de círculos de cultura<sup>4</sup>. As autoras farão um breve relato da experiência da constituição da Rede de Catadores da Região Sul e Sudoeste de Minas Gerais. Um estudo

---

3. Economia Solidária pode ser definida em três dimensões, economicamente é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão. Culturalmente, é também um jeito de estar no mundo e de consumir produtos locais, saudáveis, que não afetem o meio-ambiente. Politicamente, é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos. <https://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>. Acesso em 07/11/2016

4. Espaço dinâmico, de interação e acolhimento e principalmente com foco no diálogo em que todos que participam têm a possibilidade de ensinar e aprender e trocar experiências.

de caso por meio da observação participante, que se propõe a ver e analisar como as Organizações Solidárias de catadores estão se articulando em Rede: seus desafios e lutas, seus aprendizados, suas perspectivas e a importância de fortalecer estas experiências, pois apontam para a formação humana destes sujeitos que começam a descobrir a partir deste trabalho outra forma de se relacionar com seus familiares, com o trabalho e com a sociedade. Vão tomando conhecimento da importância de suas ações no campo político, social e econômico, desenvolvendo nestes o sentido de Homem como sujeito da história.

## 2. ALGUMAS REFLEXÕES DAS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO

O sistema econômico vigente insere o mundo na lógica do descartável. Mance (1999, p.18), diz que “o capitalismo desumaniza as necessidades pessoais para realizar seus giros de produção que possibilitam o acúmulo de mais-valia; gera novas necessidades e desejos, criando satisfações e gozos alienados”. Afirma que neste mundo de mercadorias, os bens materiais tem mais valor que as pessoas e, no entanto, estas só são reconhecidas socialmente se participam desta riqueza e se não a têm, não podem ser reconhecidas socialmente. Isto porque na lógica do capital, as pessoas valem menos do que a riqueza que dizem possuir. Para Badiou (2015, p.6), “o capitalismo é um sistema de roubo planetário exacerbado, é um regime de depredadores, é um regime de banditismo universal”.

A população vai crescendo e cresce com ela uma demanda desmedida de bens de consumo e desvalorização quase que imediata desses bens.

*(...) Encontram-se nas ruas as sobras do desenfreado consumo da sociedade. Restos de todas as coisas e em grandes quantidades... o desperdício é proporcional à sua intensidade, estimulada pela moda, pela ganância, pela ignorância, pela compulsão e pelo compromisso do ter levado ao extremo, sobrepujando os valores do ser. (JUNIOR, 2008, p. 5).*

Para Mance (1999, p. 18), o que o sistema capitalista propõe não permite que a vida em todos os sentidos se multiplique, não possibilita o bem-viver e este está muito distante do que o consumismo alienante promove. Logo, é urgente pensar alternativas que, mesmo dentro do sistema vigente, tenham como proposta ressignificar o modo de produzir, ou seja, o trabalho como espaço/tempo de relações humanas, espaço solidário de releitura da vida e de não alienação, local de aprendizado, de “bem viver”. Espaço educativo, em que uns aprendam com os outros, troquem aprendizados e saberes, construindo, produzindo e reproduzindo novas formas de trabalhar, baseadas no princípio da solidariedade e do cuidado com o outro e com o meio ambiente.

O trabalho faz parte da condição humana, está intrínseco em sua existência,

pois “apenas o ser humano trabalha e educa” (SAVIANNI, 2007, p. 152). A precarização e subordinação do trabalhador são características do modelo neoliberal e a relação do ser humano com a natureza, neste modelo capitalista, não pode ser respeitosa. Com outros é de competição e individualismo.

Diante do exposto, é impossível adequar-se à realidade imposta, com princípios e valores contrários ao sistema vigente, em que grande parte das pessoas são descartadas como objeto, pois este sistema é quem dita as regras. O que antes definia a essência humana, torna-se peso para o ser humano e também faz deste o depredador da natureza.

### **3. A EDUCAÇÃO POPULAR E O MUNDO DO TRABALHO**

Para analisar as práticas de educação popular, conforme reflete Costa (1973, p. 3), é preciso ter em conta que esta tem que estar a serviço das camadas populares. É importante também conhecer a realidade em que esta está inserida e quais são as suas principais demandas. Não é possível pensar em tal prática educativa sem saber qual o contexto em que vivem os sujeitos que participarão do processo. É extremamente importante conhecer a realidade e juntamente com os sujeitos da ação, elaborar instrumentos de compreensão e encaminhar uma atuação que se identifique sempre mais com os interesses do coletivo. Afirma ainda, que “a educação popular é educação no sentido de que sua atribuição social diz respeito à apropriação, pelas camadas populares, de um saber-instrumento”<sup>5</sup> e este saber torna-se uma ferramenta política nas ações cotidianas de suas lutas acompanhadas de uma prática libertadora.

Para Freire, “a primeira condição para que um ser humano possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” e “o compromisso próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade” (FREIRE, 1997, p. 18-22). Portanto o conceito de Educação de Popular como uma prática educativa para a libertação firma-se em poder ser um “instrumento que ajuda a aprofundar a compreensão da realidade social existente e a encaminhar uma atuação que se identifique sempre mais com os interesses das camadas populares” (COSTA, 1973, p. 6).

Levando em conta esta análise pode-se dizer que não cabe à Educação Popular mudar a realidade, mas ser um instrumento importante para possíveis mudanças. Possibilitar que os sujeitos do mundo do trabalho tomem conhecimento da realidade em que vivem e que possam fazer uma “leitura” da situação social em que estão inseridos e realizar ações de transformação da opressão numa “práxis” libertadora. Estimular a capacidade de olhar para a vida, a realidade e conseguir problematizá-la criticamente, compreender o contexto, ter capacidade de fazer comparações e elaborar porquês.

---

5. Para Costa, o conceito de Saber é entendido como elaboração e incorporação de conhecimento, valores e atitudes. Saber enquanto sabedoria elaborada desde a vivência e reflexão dos acontecimentos sociais.

Portanto, é importante uma prática educadora que tenha como missão contribuir para que as pessoas saiam da condição de opressão e tenham a convicção de que são sujeitos de direitos.

#### **4. A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A RELAÇÃO COM A CULTURA DO TRABALHO EM UMA SOCIEDADE IMERSA NO SISTEMA CAPITALISTA**

Paulo Freire (2014, p. 19) afirma que a nossa presença no mundo não pode ser neutra e que isto implica em escolha e decisão. Diante desta afirmativa somos provocados a repensar nossa forma de estar no mundo. É necessário e urgente propor outro mundo possível<sup>6</sup>.

Segundo Frigotto (2004, p. 281), “a realidade nos mostra que os trabalhadores não querem morrer - o ser humano quer viver” e é preciso viver de forma digna e justa. Diante desta realidade, colocam-se em questão os paradigmas fundantes do capitalismo que orientam para o progresso a todo custo. É preciso repensar o modo de estar no mundo. “Outra pedagogia de relação do sujeito com seu ato de consumir, de trabalhar, de comercializar e de se relacionar no seu território, torna-se então um imperativo político-pedagógico da economia solidária” (BERTUCI e KIRSCH, 2012, p. 56).

*“Os sujeitos humanos constroem suas identidades enquanto indivíduos a partir, sobretudo, do trabalho, ou seja, uma atividade remunerada economicamente que vem acompanhada de uma série de direitos. Não é assim também que nos habituamos a pensar economia, como sinônimo exclusivo de troca mercantil? Como se não houvesse ou não fosse possível conceber-se outro modo de fazer economia além deste. (GENATU; LAVILLE, 2004, p. 16)*

A Economia Solidária tem como princípios: a valorização social do trabalho humano, a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica, o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino em uma economia fundada na solidariedade, na busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza e os valores da cooperação e da solidariedade<sup>7</sup>.

Para Genauto e Laville (2004) a economia solidária tem por vocação combinar a dimensão pública e uma dimensão comunitária, ou seja, construir valores, propostas e soluções para os problemas públicos. Busca sair do assistencialismo, que é uma prática social comum nos tempos atuais – uma forma de acreditar

---

6. O Fórum Social Mundial – FSM é um acontecimento anual, estruturado internacionalmente. Seu objetivo é conter uma globalização moldada pelos líderes do modelo capitalista-liberal. Seu slogan: Um outro mundo é possível. Acesso em 14/11/2015. <http://www.infoescola.com/geografia/forum-social-mundial/>

7. Carta de princípios da Economia Solidária - junho de 2003, III Plenária Nacional da Economia Solidária. Disponível em: <[http://base.socioeco.org/docs/carta\\_de\\_principios\\_do\\_fbcs.pdf](http://base.socioeco.org/docs/carta_de_principios_do_fbcs.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2016.

que o dever está cumprido – sair desta posição que muitas vezes põe as pessoas em uma condição superior.

*“Há, no entanto, uma outra alternativa. A economia solidária é ou poderá ser mais do que mera proposta à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: uma alternativa superior ao capitalismo [...] A Economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma vida melhor (SINGER, 2002, p.26)*

Diante disto podemos afirmar que sua proposta político-pedagógica, econômica, social e ideológica é a garantia e a promoção de direitos para todos e que suas iniciativas dizem respeito a atividades socioeconômicas e sócio comunitárias, pautadas na autogestão, na cooperação, na reciprocidade e no desenvolvimento sustentável, fundamentadas na solidariedade e caracterizadas como experiências de trabalho cooperado.

## **5. O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL**

Há muitos anos homens e mulheres, catadores de “lixo”, lutam pela sua sobrevivência catando nas ruas e becos das cidades o lixo produzido pelo consumismo desenfreado da sociedade. Segundo Pinhel (2013, p. 17) a urbanização intensa e o estilo de vida alteraram de modo significativo a quantidade de resíduos gerados na sociedade e mudou o tipo de lixo em quantidade, qualidade, volume e composição. Neste novo contexto, aumentou significativamente a ação dos catadores nas ruas.

Atualmente 90% dos resíduos que chegam à indústria de reciclagem, passaram pelas mãos de catadores (PINHEL, 2013, p. 32). Estes, ao fazerem a limpeza urbana procedem à coleta e à separação por classificação de materiais, os vendem a um intermediário que é quem irá fazer a venda direta para a indústria. Esses intermediários recebem o material coletado pelos catadores e estabelecem o preço a ser pago, ou seja, o catador não pode estabelecer o valor de seu trabalho. Os catadores estão inseridos em uma cadeia que é estruturada pela dinâmica do capital, logo, sujeitos às variações do mercado mundial. “A indústria, ao comprar recicláveis, beneficia-se com economia de energia elétrica e matéria-prima virgem, além da mão de obra para triagem” (PINHEL, 2013, p. 22).

Desde a década de 90, estes trabalhadores têm buscado formas de organizar e lutar pelo reconhecimento de seus trabalhos. No ano de 2001, foi constituído o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR, um movimento político e social, com objetivo de organizar e valorizar esta categoria e garantir o protagonismo destes sujeitos. Com a instituição do MNCR os

catadores se fortalecem e aprofundam coletivamente outros conhecimentos, saberes e habilidades na luta política para conquistar seus direitos.

Paulo Freire (2000) afirmava que gostava de ser gente porque mesmo sabendo das condições ideológicas em que nos encontramos, há barreiras de difícil superação, na difícil tarefa de mudar o mundo, mas esses obstáculos não se eternizam. Essa afirmação é perceptível na vida dos catadores e catadoras. As lutas e bandeiras levantadas por eles demonstram que as pessoas devem ser plenamente autônomas, sujeitos e não objetos da história.

Além de fazerem da atividade de catação um meio de sustento para si e seus familiares, contribuem com o meio ambiente pois evitam que estes resíduos sejam encaminhados para aterros e lixões causando uma maior degradação do Planeta Terra.

Diante do exposto refletimos que neste processo de lutas e conquistas, estes homens e mulheres defendem o direito ao trabalho e o reconhecimento pela prestação do serviço que fazem às cidades e ao meio ambiente e que não se pode recuar diante das artimanhas do capital.

## **6. AS PRÁTICAS DE AUTOGESTÃO DA REDE SUL E SUDOESTE DE MINAS GERAIS**

Em 2010 a ONG INSEA<sup>8</sup> e o MNCR<sup>9</sup>, no âmbito do Programa Cataforte<sup>10</sup>, realizou um amplo processo formativo dos catadores de várias cidades do Sul e Sudoeste de Minas Gerais. Além de um diagnóstico situacional, obteve-se como resultado a elaboração do Plano Regional de Atuação em Redes. Com base nestes estudos, a coordenação do INSEA, juntamente com representantes do MNCR, iniciou um diálogo com a DANONE BRASIL<sup>11</sup> para a implementação de um projeto na região do Sul de Minas com o intuito de fortalecer as Organizações de catadores da região, tendo como referência o compromisso ambiental e social da empresa e a responsabilidade compartilhada na gestão dos resíduos sólidos urbanos, conforme prevê a Política Nacional de Resíduos Sólidos - PNRS<sup>12</sup>.

---

8. Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável - <http://www.insea.org.br/>

9. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - <http://www.mnrc.org.br/>

10. Cataforte: parceria entre a Secretaria-Geral, Fundação Banco do Brasil, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério do Meio Ambiente, Fundação Nacional de Saúde (Funasa), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Petrobras e Banco do Brasil. O Programa Cataforte existe desde 2009 com o objetivo de estimular a organização de grupos de catadores com base nos princípios da economia solidária. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/governo-lanca-terceira-etapa-do-programa-cataforte-e-destina-r200-milhoes-para-cooperativas>>. Acesso em: 20/11/2015

11. Empresa que atua no Brasil desde 1970, produtora de produtos lácteos. Disponível em: <<http://www.danone.com.br/a-danone/no-brasil>>.

12. Lei nº 12.305/10: contém instrumentos importantes para permitir o avanço necessário ao País no enfrentamento dos principais problemas ambientais, sociais e econômicos decorrentes do manejo inadequado dos resíduos sólidos. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

A iniciativa desta parceria possibilitou a elaboração e execução de um Projeto que assessorou em 23 municípios da região, 27 associações e cooperativas de catadores de recicláveis.

Uma das demandas dos catadores foi a constituição de uma Rede de comercialização solidária de material reciclável. Esta era uma expectativa alta e uma esperança de possibilitar o fortalecimento dos seus empreendimentos, pois para eles a estratégia da articulação em Rede significa um fortalecimento de suas Organizações. A Rede evidencia o fato de que as unidades produtivas que atuam isoladamente tendem a ter mais dificuldades. A união em Rede possibilita várias ações de forma coletiva.

*“o mecanismo natural para atingir esse objetivo é a concentração da oferta de materiais recicláveis em redes de organizações de catadores capazes de recuperar uma quantidade considerável de material que lhes permita ter uma participação importante no mercado, negociando assim preços e condições com as indústrias” (PINHEL, 2013, p. 22).*

É importante ressaltar, que a constituição de Redes foi uma pauta do movimento da economia solidária<sup>13</sup> que previa o fortalecimento das Organizações econômicas e solidárias. O início das atividades para pensar a constituição da Rede dos catadores deste projeto foi no ano de 2013. Houve um amplo processo formativo para contribuir com os catadores na compreensão do funcionamento jurídico de uma Cooperativa de segundo grau<sup>14</sup>. Foram realizados cerca de 4 encontros formativos, que aconteceram em municípios diferentes na região Sul de Minas Gerais. O intuito era também de fomentar a troca de experiências e expectativas, bem como de conhecer a realidade dos companheiros e companheiras em outros municípios.

As atividades formativas foram participativas, proporcionando integração entre os participantes e promovendo um ambiente que estimulasse a participação e, ao mesmo tempo, em que a construção do conhecimento fosse colaborativa, cooperativa, com base na troca coletiva de saberes, experiências e indagações. Em uma das atividades de formação foi realizado um levantamento<sup>15</sup> de suas capacidades e os catadores fizeram o seguinte levantamento do que para eles significava “força”: Coleta; Equipamentos; União; Gestão; Material; Vontade

---

13. Apoiar e fortalecer a organização de Redes de Cooperação Solidária constituída por empreendimentos econômicos solidários como estratégia de fomento às cadeias produtivas e arranjos econômicos territoriais e setoriais de produção, comercialização e consumo solidários, com vistas à promoção do desenvolvimento territorial sustentável e a superação da pobreza extrema no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria. Disponível em: <<http://www.mtpps.gov.br/images/Documentos/EconomiaSolidaria/orientacao/AcoesIntegradasRedes.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2016

14. Organização em comum e em maior escala dos serviços das filiadas, facilitando a utilização recíproca dos serviços. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/classificacao.asp>>. Acesso em: 15 ago 201. .

15. Os pontos levantados foram transcritos conforme os catadores elencaram.

de trabalhar; Inserção dos catadores nos serviços de saúde municipal; Parcerias com grandes geradores; Articulação; Produção; Assistência técnica; Organização; Saúde do trabalhador; Estrutura; Vontade de criar uma Associação; Grupo sólido; Organização e limpeza; Documentação em dia; Grupo de catadores; Galpão; Atender editais; Caminhão; Controle administrativo; Parceria entre cooperativas; Quantidade de materiais (muito material); Saída do lixo e criação da associação; Parceria com INSEA; Resistência; Produtividade; Tempo de organização; Persistência.

Demo (1999), fala da importância de dialogar criticamente com a realidade. Estas forças levantadas pelos catadores demonstram o profundo conhecimento que estes trabalhadores, homens e mulheres do “lixo”, têm de sua capacidade de trabalho, da realidade em que estão inseridos e que muitas vezes são abafados os seus “gritos”, quando afirmam que têm capacidade organizativa.

De acordo com Paulo Freire (2005), ninguém melhor que os oprimidos para entender o significado terrível de uma sociedade opressora. Eles sabem e vivem os efeitos da opressão e por isso compreendem perfeitamente a necessidade de libertação, “a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”. (FREIRE, 2005 p.34).

Outra questão importante foi a reflexão sobre a constituição da Rede: “Porque queremos uma central de cooperativas?” Realizaram um amplo diálogo e chegaram à seguinte conclusão<sup>16</sup>: Maior facilidade na obtenção de recursos (estrutura/equipamentos); Crescimento e fortalecimento das cooperativas e associações (gestão eficaz/aumento de renda); Maior mobilização da população quanto à importância da coleta seletiva (educação ambiental); Maiores oportunidades na elaboração de projetos; Profissionalismo; Organização; Maior apoio em elaboração de projetos; Melhor valorização do produto; Maiores informações; Maior credibilidade; Fortalecimento do poder de negociação do material; Aumento da renda; Agregar mais pessoas (novo canal de trabalho); Melhor qualidade do material para venda direta para a indústria; Crescimento de todos; Fortalecer a classe dos catadores; Ficar livre do atravessador; Melhoria no preço dos materiais; Melhoria nas condições de trabalho; Fortalecimento das associações e cooperativas; Busca de novos incentivos e parcerias mais sólidas; Assistência técnica para associações e cooperativas; Diminuição nas fraquezas e ameaças; Aumento das potencialidades; Troca de experiência entre associações e cooperativas; Maior poder de mobilização; Melhoria nas relações interpessoais; Reconhecimento; Agregar valor; Conhecimento; Fortalecimento dos catadores; Capacitação; Maiores recursos; Apoio com parcerias; Padronização dos materiais; Comunicação.

A importância desta pergunta nos remete à seguinte reflexão de Freire, “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e

---

16. Transcrito das tarjetas utilizadas na atividade formativa, conforme escrito pelos catadores.

com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (FREIRE, 1997, p. 38).

Após os momentos formativos e constituída a Rede Sul e Sudoeste MG, os catadores e catadoras, compreendendo a realidade e o desafio de fazer este empreendimento caminhar, mesmo dentro dos limites e dificuldades do cotidiano, começaram a pensar a rotina de autogestão da rede, ou seja, como seria a gestão da mesma, uma vez que cada Organização localiza-se em um município. Elaboraram um plano de atuação em Rede e, para fazer acontecer este planejamento, mensalmente, representantes das Organizações filiadas à Rede têm se reunido, buscando fazer cumprir a missão que nos encontros de capacitação disseram ter para gerenciar a Rede: “atuar com qualidade e compromisso social, respeitando a legislação e incentivando o uso de novas tecnologias, onde o diálogo, a comunicação e a capacitação das associadas resultem em geração de renda, com distribuição justa e valorização do trabalho humano”.

Há três anos, desde a sua constituição estão passo a passo fazendo acontecer a missão pensada de atuação da Rede Sul e Sudoeste MG. As associações e cooperativas avaliam que depois da atuação em Rede, já não se sentem enfraquecidos diante dos intermediários, pois conseguem negociar os preços, com base nos valores vendidos pelas Organizações em outros municípios; a experiência da venda coletiva tem sido interessante e produtiva no que diz respeito ao valor agregado ao material reciclado e, conseqüentemente, à remuneração dos grupos.

O diálogo entre os empreendimentos participantes do processo para melhoria desta forma de organização está relacionado à negociação das taxas de frete bem como à inclusão de novos empreendimentos, uma vez que a proposta da rede é agregar cada vez mais grupos interessados em se fortalecer, consolidando a rede. Os participantes relatam que as reuniões mensais são espaços produtivos e enriquecedores, pois além de trocarem informações sobre como estão as suas organizações, compartilham saberes, melhorias e dificuldades, trocam experiências, interagem e pensam possibilidades de progressos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta experiência contribui com a reflexão sobre como o trabalho cooperativo e solidário pode produzir um processo de emancipação social, que possibilita desenvolver novos sentidos, maneiras de pensar, de vivenciar experiências e de relacionar-se com o mundo.

Há uma disposição para o diálogo e para as trocas de saberes, construída no dia a dia do trabalho coletivo e da luta política. Por isso propusemos a reflexão de pensar as redes da economia solidária como um espaço de círculo de cultura, pois como foi possível perceber no relato da Rede Sul e Sudoeste MG, o processo de troca permite pensar outras formas de relacionar-se com o

trabalho, de posicionar-se no mundo.

Percebemos que as ações desenvolvidas por estes catadores da Rede Sul e Sudoeste MG, tem propiciado uma experiência de resgate da cidadania, de apropriação social e política sobre modos de vida e trabalho. Nas reuniões mensais há o planejamento das demandas e as organizações associadas dialogam sobre suas melhorias e dificuldades, procurando contribuir para alcançarem melhorias coletivas. Os meios de comunicação têm sido ferramentas de contato entre si, a fim de facilitarem a comunicação uns com os outros.

Pode-se dizer que estes homens e mulheres que ficam “escondidos” entre o “lixo”, muitas vezes confundidos com o lixo, estão reciclando suas vidas e nesse exercício vivenciam o poder se exprimir livremente, serem escutados e perceberem que suas opiniões são respeitadas e pesam no destino do coletivo neste movimento de transformações, de reciclar vidas. Estão despertando para um importante papel nesta sociedade, assumindo a luta contra normas arbitrárias, hierárquicas opressões, discriminações, injustiças e desigualdades sociais.

A experiência das associações e cooperativas filiadas à Rede Sul e Sudoeste MG contribui com a reflexão sobre a importância do processo denso de educação popular, onde as dimensões educativas e a organização política vão se desenvolvendo de forma orgânica e complementar. Desse modo, estas dimensões se entrelaçam com o mundo do trabalho, fazendo com que ganhe contornos técnicos que nos levam ao entendimento da educação popular como o esforço de mobilização social, organização e capacitação das classes populares.

Os aspectos derivados da organização popular de catadores nos ajuda a pensar em um processo de conhecimento coletivo que é acumulado de modo sistemático, que é indispensável para o processo de resistência coletiva, mas, principalmente, de construção coletiva.

A potência presente nas práticas dos catadores deste projeto, e de todos os outros, nos convida a pensar na importância de compreender a economia solidária e a educação popular como possibilitadores de uma mobilização e organização popular para o exercício do poder, que necessariamente vai se conquistando. E ainda, na contribuição de levar os sujeitos a repensarem sua forma de estar no mundo, pois as pessoas vão se apropriando, vão se tornando protagonistas de mudanças importantes para a transformação da história.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, A. (2015). Entrevista **O Comunismo é a idéia da emancipação de toda humanidade**. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FInternacional%2F-O-comunismo-e-a-ideia-da-emancipacao-de-toda-humanidade-%2F6%2F18598>>.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999 b.

BERTUCI, Ademar; KIRSCH Rosa. **Economia Solidária: documentos, trajetórias e organização do movimento – Brasília**. Cooperativa Catarse – Coletivo de Comunicação, 2012. 56p.

COSTA, Beatriz. **Educação Popular**. CEI - Suplemento 17, 1973.

CHOMSKY, N. **O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho; LAVILLE, Jean-Louis. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004, 199p. (Coleção Sociedade e Solidariedade).

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **Teoria e Prática em Economia Solidária: problemática, desafios e vocação**. Revista de Ciências Sociais, V - 7 n. 1, jan: jun. 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_; NOGUEIRA; Adriano. **QUE FAZER: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação**. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A ideologia que embala a galinha dos ovos de ouro**. Trabalho e educação na Era do pós-emprego: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária / Lia Tiriba, Iracy Picanço (Orgs.). Aparecida, SP:

Idéias & Letras. 2004, p. 281.

GAIGER, Luiz Inácio. **A Economia Solidária na Contramarcha da Pobreza**. In: Sociologia, Problemas e práticas, nº 79, 2015, pp. 43 - 63.

GUIDDENS, A. **As consequências institucionais da modernidade**. In: Guidens, A. As consequências da modernidade, SP: UNESP, 2001.

JUNIOR, B.(2008). **Catadores de Papel: Solidariedade, desafios e perspectivas**. Revista Catador, Trabalho, vida e solidariedade: Construindo novas cenas sociais, Belo Horizonte, n. 1. p.5, 2008.

LASER, S. **Catando e Transformando a vida: Experiências associativas e cooperativas nas periferias**. In: ZANIN M. e GUTIERREZ R.F (Orgs.). Cooperativa de Catadores: reflexões sobre práticas. São Carlos, SP: Clara Luz, 2011.

LAJOLO, R. D. (2003). **Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis – Guia para implantação**. CEMPRE – Compromisso Empresaria para a Reciclagem. São Paulo. IPT/SEBRAE.

LINO, Antônio. **Mobilização Social**. Disponível em: <<http://www.nossasalvador.org.br/site/colunas/145-mobilizacao-social>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

LIMA, L. **Cidadania e educação: adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia**. Educação, sociedade e cultura, 2005.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MEDEIROS, L.F.R; Macedo, K.B. **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?** Psicologia & Sociedade. mai./ago. 2006.

MOURA, F., C.F.C, FARIA, M.S. **Catadores de Resíduos Recicláveis: Autogestão, Economia Solidária e Tecnologias Sociais**. In: ZANIN M. e GUTIERREZ R.F (Orgs.). Cooperativa de Catadores: reflexões sobre práticas. São Carlos: Clara Luz, 2011.

PINHEL, J.R. O catador de materiais recicláveis. In: Pinhel, J.R (Org.). **Do Lixo à Cidadania Guia para a Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis** (pp. 27-27). São Paulo: Peirópolis, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2002.